



PROFISSIONAL DA SAÚDE: O ESTIGMATIZADO NO CONTEXTO DO CORONAVÍRUS

HEALTH PROFESSIONAL: THE STIGMATIZED IN THE CONTEXT OF THE CORONAVIRUS

Resumo

Este artigo refere-se às pesquisas baseadas em dados secundários a respeito das dificuldades e preconceitos vividos diariamente pelos profissionais da saúde no contexto atual do Brasil, devido à nova realidade evidenciada, o coronavírus. Nesse sentido, esses especialistas sofrem com a estigmatização acerca do trabalho exercido nos hospitais e postos de saúde, uma vez que os cidadãos possuem um parecer de que eles poderiam transmitir o vírus no âmbito social, e, desse modo, são vistos com olhares de julgamento e medo pelas pessoas em locais públicos. O texto em questão trata sobre esse cenário, ao proporcionar uma reflexão em que devemos nos atentar à veracidade dos fatos, e não ao julgamento dos indivíduos que se encontram na linha de frente contra a Covid-19.

Palavras-chave: Coronavírus; Estigmatização; Profissional da saúde; Pandemia.

Abstract

This article refers to research based on secondary data regarding difficulties and prejudices experienced daily by health professionals in the current context of Brazil, due to the new reality evidenced, the coronavirus. In that sense, these specialists suffer from the stigmatization of the work carried out in hospitals and health centers, once that citizens have the opinion that they can take viruses to the social environment and, therefore, are seen with looks of judgment and fear by people in public places. The text in question deals with this scenario, providing a reflection in which we must be attentive to the veracity of the facts, and not to the judgment of the people who are on the front line against Covid-19.

Keywords: Coronavirus; Stigmatization; Health professional; Pandemic.

* Frederico Augusto Gouvêa de Melo
** Júlia Gabriela de Castro Vander
*** Maria Fernanda Alves Vargas
**** Pedro Henrique Silva de Araujo

Recebido em: 11/06/2021
Aceito em: 29/10/2021

1. Introdução

O artigo em questão ocupa-se nos problemas relacionados à saúde e condição estigmatizada de profissionais que lidam com as adversidades do coronavírus. Todavia, é preciso evidenciar que este projeto é um resultado fundamentado a partir de pesquisas e inquirições de peritos dos portais de comunicação e conhecimento que foram dispostos para desenvolver esse texto. Logo, a par de esclarecer sobre a integridade e concepção do texto, é necessário delinear que o trabalho empregou dados secundários para sua formação.

Sob a ótica de Erving Goffman, em seu trabalho *Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada* (1891), o autor procura entender as interpretações a respeito de estigmas sociais que indivíduos são apontados. O fato central por ele analisado é a capacidade do efeito descrédito que uma pessoa estigmatizada é vítima. Os atributos que são postos a uma pessoa ou grupo social, feitos e colocados por outro grupo social, são de caráter corrosivo e depreciativo, ou seja, são compreendidos como uma marcação que o estigmatizado carrega, e que não condiz com os padrões estabelecidos. Logo, o indivíduo que poderia levar uma vida normal, no âmbito da sociedade em que está inserido, é atrelado a determinada característica distintiva, que o exclui. Esse traço depreciativo impera na maneira como as pessoas reconhecem e percebem o estigmatizado; assim sendo, o estereótipo é um atributo, um significado socialmente construído que corrobora nesse caráter distintivo do indivíduo. Para que esse mecanismo de atributos depreciativos vigore, o meio social é agente no processo de exclusão.

Como justificção para tal fato, há um processo de construção racional sob tal diferença, isto é, a sociedade – ao categorizar, apontar as características de determinados indivíduos e grupos que fogem das convenções padronizadas –, justifica que tal diferença é inadaptada à realidade tradicionalmente vigente e aceita, e, assim, é estigmatizada. Por tal fato, o estigma e o estereótipo são condições que promovem a redução do indivíduo na sociedade na qual está inserido; o apontamento do estigmatizado é garantido e concebido ao favorecer esse esquema de subjugação.

2. O medo assolando a sociedade devido ao novo coronavírus

Hodiernamente, os diversos efeitos provocados pela pandemia do Sars-CoV-2, como o medo do contágio, o isolamento social, as construções incertas e falsificadas a respeito da doença fomentam uma esfera de constante dúvida e receio. O medo afeta toda a sociedade nesse período de intensa expansão do vírus e, atado a isso, o estigma surge quando ocorre a projeção de tal medo sob um indivíduo que se torne representante de tal receio, aquele que é considerado como se estivesse praticamente em contato com o vírus: o profissional da saúde.

Em vista disso, é necessário, inicialmente, uma contextualização do que é o recém descoberto coronavírus e como ele interfere na sociedade. Dessa forma, tendo como base as informações oferecidas pelo site do Ministério da Saúde, "coronavírus" é o nome de uma família de vírus na qual o SARS-CoV-2, que inicialmente obteve o nome de 2019n-CoV, pertence, sendo a sétima variação conhecida a infectar seres humanos. Ele é classificado como um vírus que causa uma infecção respiratória aguda de alta transmissão e distribuição global. Destarte, foi identificado em dezembro de 2019, na China, mais precisamente em Wuhan, cidade da província de Hubei.

Assim que ocorreu a descoberta do vírus, ele se difundiu de uma maneira muito rápida pelo mundo, sendo identificado no Brasil no final de fevereiro de 2020 e, em março, foi registrada a primeira morte pela doença. Além da questão da enfermidade em si, a jornalista Simone Kafruni, em uma reportagem publicada em 20 de abril de 2020 para o *Correio Braziliense*, alerta sobre a intervenção do vírus na sociedade em vários âmbitos, ao mostrar suas fragilidades, ampliando os problemas já presentes, tais como a insuficiência do sistema de saúde; a falta de saneamento básico para uma porção relevante da população; a deficiência de higiene básica apresentada por inúmeras moradias indignas, que afetam principalmente as comunidades periféricas, dentre outros problemas. Esses apontamentos revelam não só a inapropriada administração do Estado, que é anterior ao surgimento do vírus, mas também a péssima gestão do governo brasileiro em relação à pandemia, que, desde o início, ignorou os fatos da doença no país, além de tratar com descuido e descompromisso, obtendo, como resultado, milhares de vidas perdidas, de forma exponencial.

3. A corrida contra o tempo para salvar vidas

De modo conjunto ao crescente número de casos no mundo, ocorreu a elaboração da vacina tanto por instituições privadas, como por públicas, resultando em sua aprovação após meses de testes pelos sistemas de saúde, e, em seguida, sua aplicação na população. De acordo com um levantamento realizado por um consórcio de veículos de imprensa que a agência de notícias UOL faz parte, no início de abril de 2021, não chegou a 15% o percentual de pessoas vacinadas ao menos em uma dose no território brasileiro, sendo esses dados fornecidos pelas secretarias estaduais de saúde, publicado em 12 de abril de 2021 na página.

Consoante ao exposto, o Brasil é um país com alto potencial tecnológico, mas que enfrentou desafios de maneira mais severa que outros países pelos poucos meios disponíveis para preservar esse potencial, como também os recorrentes ataques à ciência devido à desinformação, como salienta Brizola (2020), doutora em Estudos Históricos da Ciência, Medicina e Comunicação Científica. De tal modo, reter uma pandemia sem verbas para a saúde pública, ciência, e com a falta de pessoas que detenham conhecimento histórico, sociológico e antropológico nos altos cargos do Estado, se torna improvável um melhor desempenho no combate à Covid-19.

Outrora, o Brasil liderava, juntamente com a China, nos estudos de cobertura de vacinas à população. Em 2017, as informações do Instituto de Métricas e Avaliação de Saúde (IHME), pertencente à Universidade de Washington, ressaltavam o avanço, em números e avaliações de saúde, de doses aplicadas e da erradicação de doenças e mortes devido ao expoente e democrático sistema de vacinação nacional, impulsionado e fortalecido a partir do final dos anos 80. Em contraste com os fatos atuais, um empecilho apresentado acerca desse cenário no país é a relação de pessoas que possuem medo de se vacinarem, seja pelo fator relacionado à questão do imunizante ser da China, atrelado à sinofobia¹, ou por acreditar nas *fake news* que são espalhadas nas redes sociais, com conteúdos que colocam a vacina como perigosa ou mortal. Nesse viés, de acordo com o jornalista Thiago Zacarias Amâncio, em uma reportagem publicada no dia 12 de dezembro de 2020, na Folha de São Paulo, cresce a parcela que não quer se vacinar contra a doença, mesmo com a vacina já sendo aplicada em diversos países. Esse empecilho pode ser visto como um atraso para refrear a pandemia, como afirma o epidemiologista Paulo Lotufo, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, salientando a extrema importância que grande parte da população receba o fármaco para reduzir os desastres da doença. Logo, mesmo que a vacina não funcione para determinado indivíduo, visto que ela não possui 100% de eficácia, se ele estiver ao redor de pessoas vacinadas, ele se encontra protegido, sendo válido também para as pessoas que não podem ser vacinadas ainda por não participarem dos estudos dos imunizantes. Então, essas seriam dependentes diretas da imunidade de rebanho, ou melhor dizendo, da imunização da população em massa.

Outro fator preponderante para a crise sanitária e econômica do país foi a maneira pela qual a gravidade da situação foi normalizada e negligenciada. A decisão de não exercer políticas públicas mais severas que pudesse controlar o tráfego de pessoas nas grandes e pequenas cidades como o *lockdown* adotado em diversos países e com resultados significativos, assim como a falta e muitas vezes a omissão de informações – fato que mais adiante foi sanado com a junção de diversos veículos de comunicação que formaram um Consórcio de Veículos de Imprensa (CVI) – para enfatizar os riscos à população, influenciaram diretamente em aglomerações e no descaso de simples ações que poderiam minimizar a infecção de uma grande parcela da população. Em meio a tudo isso, a situação expôs a todos um Brasil polarizado em meio a um caos epidemiológico, uma política que, há um ano de uma nova disputa presidencial, tem seus feitos realizados a partir de aspectos ideológicos e da grande população, que se vê vítima do abandono, da desinformação, de políticas públicas e do apoio de seus governantes. Um triste exemplo a ser citado foi o da servidora pública Vera Lúcia Pereira: em março de 2020, o que era para ser uma pequena festa de seu aniversário de 60 anos, acabou em tragédia após metade das 28 pessoas se infectarem e 3 acabarem indo a óbito, sendo eles seu marido e dois cunhados, como detalhado na reportagem escrita por Vinícius Lemos, em 22 de março de 2021, veiculado pela BBC Brasil.

¹ Aversão à China e aos chineses. Sentimento antichinês – contra a China, seu povo e sua cultura. Cresceu devido ao estigma do “vírus chinês”.

4. Dificuldades enfrentadas por aqueles que estão na linha de frente do combate à Covid-19

Em meio a toda problemática social e do sistema de saúde, os profissionais que estão na linha de frente sofrem não só de um esgotamento mental e físico, após um ano de pandemia, mas também de uma estigmatização que se fez presente desde o início da pandemia. Seguindo essa premissa, os especialistas na área da saúde estão com risco aumentado de contrair qualquer doença que seja transmissível, uma vez que é a natureza desse ambiente de trabalho. Nesse aspecto, se inclui a Covid-19, na qual esses profissionais ficam um longo período de exposição. Dessa maneira, médicos e enfermeiros vêm enfrentando um estigma por trabalhar com o tratamento dessas pessoas doentes, sendo importante salientar que, mesmo os servidores dessa área que não possuem contato direto com os contaminados pelo coronavírus, passaram a ser hostilizados em suas comunidades ou quando utilizam o transporte público, por exemplo.

Segundo o artigo Estigmatização de profissionais de saúde, a atual conjuntura na pandemia contribui para a composição de estigmas sociais. Peuker e Modesto (2020) ressaltam as dificuldades enfrentadas por esses profissionais, como por exemplo os motoristas de aplicativos que não atendem as chamadas vindas dos hospitais; a dificuldade de utilizarem transporte público devido aos olhares de medo e aflição das pessoas; no prédio onde moram são requisitados a não usarem os elevadores, além do distanciamento social optado pelas famílias, que os excluem. Outrossim, é visto certa dualidade entre visões sobre esses profissionais, uma vez que antes da pandemia, trabalhar em hospitais era algo valorizado e superestimado no âmbito social, porém “[...] depois da pandemia a estigmatização trouxe preocupações pessoais além daquelas trazidas pelas mudanças na rotina produzida pela pandemia”. (PEUKER; MODESTO, 2020, p. 2).

Paralelamente, infere-se que esse estigma afeta a saúde emocional ou mental desses profissionais. Nesse viés, esses fatores, juntamente com a demanda desses especialistas de terem que cuidar de seus companheiros de profissão, e vê-los, em algumas circunstâncias, se tornarem pacientes, aumentam o estresse de trabalhar durante um surto que obteve rápida evolução em um pequeno espaço de tempo, cabendo ressaltar que a doença pode causar ansiedade e provocar uma mobilização em massa na população.

A continuidade da pandemia no mundo e os expoentes quadros de casos no Brasil facilitaram a destabilização psíquico-física dos profissionais de saúde em um ano de mortes, contágios e isolamentos devido a um só fator, o coronavírus, e em pouquíssimo tempo. É fato que o cenário da Covid-19 nos hospitais e nas unidades de saúde consumiram os trabalhadores devido ao esgotamento, estresse, depressão, ansiedade, e outras enfermidades, ao refletir a persistência de oscilações de números que sobem e caem em uma incansável reincidência. Em virtude do acúmulo de condições físicas e mentais degradantes, profissionais na linha de frente sofrem com o esgotamento de suas faculdades e capacitância no trabalho. Dessa maneira, o cansaço e o desânimo resultam como novos embates, já em situações árduas.

De certo, o caso é terrivelmente agravado a partir da indisposição de buscar ajuda e desgaste do profissional de saúde, aquele que serve e opera com assistência. Médicos, técnicos e enfermeiros, assim como outros profissionais, por estarem nesse meio hospitalar de medicamentos e tratamentos, optam por se automedicarem, seja por estresse ou pelos sintomas da Covid-19. Ademais, ignoram o cansaço e o mal-estar, ao se tornarem comuns em suas vidas, e acabam por viver no limite, à beira de colapsos e problemas persistentes, que são acumulados.

Relatado em agosto de 2020 na revista Pesquisa, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo jornalista Carlos Henrique Fioravanti, a maioria dos profissionais da saúde entrevistados não foram contemplados com auxílio psicológico nas instituições que prestam serviço. A Profa. Dra. Maria do Perpétuo Nóbrega, responsável pela pesquisa, observou ainda que, após o início da pandemia, os profissionais constataram significantes sintomas de depressão e ansiedade, entre outras mazelas, e que a busca por ajuda relativa a essas questões foram poucas, em comparação ao grande aumento dos distúrbios emocionais e psicológicos. Desse modo, a sobrecarga e o esgotamento físico e mental resultam em reflexos próprios da desordem e das adversidades que o sistema de saúde enfrenta constantemente no país.

O desgaste não fica apenas restringido ao local de trabalho, mas é levado para o ambiente doméstico. É em casa, lugar que deveria ser sinônimo de descanso e de recarga, onde o medo de contaminação a familiares e a ressonância das preocupações do trabalho são persistentes

e agravadas, sendo assim, os traumas são ampliados. Por certo, o isolamento, por condições de trabalho na linha de frente, estende os problemas de um profissional em sua vida cotidiana. Os atos e as formas de sociabilidades são cessados com seus entes mais próximos, o que favorece a exclusão e repressão desses indivíduos. Com efeito, atividades de lazer são ignoradas ao passo que desenvolvem quadros depressivos, reduzindo, assim, a qualidade de vida daqueles que estão no auxílio à vida. Tal fato, intensificado pelos tempos de pandemia, é ainda um problema análogo ao estigma nos profissionais de saúde, por se materializar como mais impasses a serem superados por técnicos, enfermeiros, médicos e auxiliares do ofício da saúde.

Ademais, atrelado a esse estigma sofrido pelos trabalhadores na área da saúde, como evidenciado anteriormente, se encontra a sinofobia, devido ao fato de serem localizados os primeiros casos de Covid-19 na China. Esses podem sofrer rejeição, negação de cuidados de saúde, moradia, emprego, educação e violência física, visto que tais elementos se associam ao estigma externo, quando esses indivíduos são vistos como um risco para o ser humano, locais ou algo específico, sem haver comprovações de que esses grupos possam trazer de fato riscos para a sociedade.

Destarte, coibir esses estigmas se torna fulcral para tornar os membros das comunidades mais resistentes e menos vulneráveis. As alternativas apontadas podem ser os cidadãos se manterem atentos às informações acessadas e compartilhadas, da maneira que não se reproduza esses estereótipos; visando a não reprodução do estigma em momentos de atendimento à profissionais da saúde, conhecer mais sobre o coronavírus, no intuito de aumentar a informação e conscientização, na intenção de saber manejar os medos e a ansiedade.

Nessa perspectiva, segundo pesquisas realizadas pelo jornalista Filipe Leonel Vargas da ENSP e publicadas no site da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em 22 de março de 2021, 43,2% dos profissionais relataram não se sentirem protegidos em seu ambiente de trabalho, seja pela falta de equipamentos, pelo medo de se contaminar, despreparo técnico ou pela insensibilidade dos gestores. O distanciamento social também se mostra prejudicial ao bem-estar psicológico dessas pessoas, que para proteger seus familiares, optam por deixar de lado hábitos que os expõem a riscos, como é o caso relatado pela Agência de Minas Gerais e noticiado no Portal FHEMIG (Fundação Hospitalar do Estado de Minas)²:

“Covid, covid, covid!”, grita a enfermeira Adileia Pereira de Jesus, a Didi, de 52 anos, quando o neto de 7 anos corre para abraçar a vó que chega de mais um plantão no Hospital Eduardo de Menezes, em Belo Horizonte. O menino sente saudade do hábito carinhoso que tinha antes da pandemia da Covid-19, quando os abraços não representavam um risco à saúde pública.

No intuito de saber mais sobre esse estigma sob a perspectiva da vítima, ocorreu a elaboração de um trabalho de campo – realizado de forma remota –, que teve como objetivo entrevistar algum profissional da área da saúde que esteja trabalhando na linha de frente da Covid-19 e que possivelmente tenha sentido tais comportamentos em seu convívio social. O entrevistado - entrevista essa realizada pelo *Google Meet*, em abril de 2021 - foi Jefferson Marques³, técnico em enfermagem no Hospital Bom Jesus, em Congonhas (MG). No decorrer da entrevista, Jefferson afirmou ter passado diversas vezes por situações em que se sentiu estigmatizado, citou que esse assunto já foi discutido entre seus companheiros de profissão, que também se sentem tratados de uma forma isolada do restante da sociedade; ele relata, por exemplo, o receio de as pessoas se sentarem próximas a ele no ponto de ônibus, ou um afastamento em seu ciclo social, dentre outros exemplos.

No final, ele se mostrou um tanto incomodado com a situação, uma vez que os profissionais da saúde na linha de frente do tratamento da Covid-19 são treinados constantemente. Jefferson ainda diz que as pessoas ignoram muitas outras situações, que são mais simples, como a utilização de máscara e álcool gel constantemente, manter a higiene e o distanciamento adequado, desta forma, evitando aglomerações.

É evidente que situações de aflição, raiva, angústia e medo fazem o ser humano agir de forma inconsciente e involuntária, muita das vezes até mesmo primitiva, pois o instinto de sobrevivência fala mais alto, e nos afastamos do que tememos. Dessa forma, cria-se uma falsa sensação de que os profissionais, enquanto agentes diretos da saúde, têm mais facilidade em contrair e proliferar o vírus na sociedade, porém seu treinamento exaustivo e cauteloso é passado e repassado diariamente, para que tais fatos não ocorram. Isto posto, os médicos, enfermeiros

² Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/noticias/280-mulheres-na-linha-de-frente-profissionais-da-saude-enfrentam-plan-toes-de-ate-24h-na-luta-contra-a-covid-19>. Acesso em: 28 nov. 2021.

³ Entrevista concedida por Jefferson Cláudio Marques Silva, 29 anos, técnico em enfermagem e agente da saúde na linha de frente da Covid-19, realizada em abril de 2021.

e trabalhadores indiretos das áreas da saúde são estigmatizados simplesmente por estarem ao redor do problema central, e as verdadeiras causas da proliferação do vírus – transportes públicos superlotados, festas clandestinas, higiene precária, falta de investimentos nos agentes desenvolvedores dos antígenos – são inibidas, por esse medo que rodeia e se locomove tão rápido quanto uma *fake news* em uma rede social.

É fato que os problemas de saúde, impulsionados e escancarados pela pandemia, associados ainda com as questões negacionistas, movimentam e facilitam a difusão de mazelas e desigualdades na sociedade brasileira. Com o incansável aumento dos números de casos, o profissional da saúde enfrenta exigências que vão além do cuidado de indivíduos que seu cargo demanda, isto é, são aqueles rostos vistos nos primeiros cuidados de um recém internado, e também os últimos; servem como pontes, ao auxiliar na comunicação de infectados e parentes; representam resultado do menosprezo à preservação da vida, ao passo que inúmeros depoimentos de agentes na linha de frente relatam as negligências da população, cujas consequências são o aumento consecutivo dos casos. A contaminação expôs a todos da sociedade. Os profissionais da saúde sofrem essa contaminação por duas vias, como indivíduo na sociedade e em seu posto de trabalho, onde o vírus é mais nitidamente percebido. Contudo, o medo de ocupar uma vaga de leito é sempre contínuo e único.

Os questionamentos da ciência prorrogaram a perpetuação de eterno cansaço desses profissionais. A abominação pela razão científica e os diversos descasos com o uso de práticas eficazes, promovem uma atmosfera de anulação do trabalhador de saúde, seja por políticas negacionistas ou desrespeito às normas sanitárias. Tal fato é agravado – e, assim, reproduzido – pelas decisões e pela má gestão sanitária do Poder Executivo Federal, ao alimentar condutas anticientíficas, que ignoram o exercício de trabalhadores na linha de frente.

Tendo em vista todos os sacrifícios feitos por quem dedica a vida para cuidar de outras pessoas, o estigma de estar próximo ao vírus deve ser deixado de lado e o sentimento de gratidão deve se sobressair em relação aos multiprofissionais da saúde, que estão diariamente nos hospitais trabalhando no combate da doença. Dessarte, projetos como o Cuidar de quem cuida, coordenado pela Prof. Dra. Karla Rona da Silva e que conta com o Departamento da Escola de Enfermagem da UFMG, estão enviando mensagens solidárias e de incentivo, com a finalidade de amenizar os efeitos de medo e fadiga provocados pelas dificuldades enfrentadas nos hospitais e pelas longas horas de trabalho.

5. Conclusão

Como resultado, os efeitos da pandemia de Covid-19, apesar de promover o distanciamento social, corrobora na percepção de coerções sociais, em diversas áreas da sociedade. Com efeito, o estigma nos profissionais de saúde contempla as relações sociais na contemporaneidade somada ainda com as decorrências que o coronavírus vem gerando no mundo. Logo, fica nítido a noção da construção do efeito descrédito que uma pessoa pode receber ao simbolizar um motivo de marginalização, encolhimento. A exclusão com profissionais na linha de frente salienta as marcas de ignorância que a sociedade opta ao promover tal afastamento pelo processo de estigmatização. As engrenagens desse sistema são repetitivas e asseguradas pelos processos de cismas e estereótipos, que favorecem a permanência de uma ordem segregadora e autoritária. O medo e a depreciação que circula na atmosfera dos inúmeros auxiliares, médicos, enfermeiros e ajudantes na linha de frente, convertem o ato de prestar serviço à vida e saúde em mácula.

Ainda mais, junto ao exposto, é importante discorrer sobre o papel do Estado nesse processo pandêmico, que já se encontrava em uma sociedade doente e carente dos seus direitos básicos, pela falta de compromisso com os cidadãos. Viver em uma epidemia sem investimentos na ciência, saúde pública, ignorando a importância dos conhecimentos históricos, sociológicos e antropológicos, não traz melhorias, e sim acentua uma piora, ainda mais quando o lucro é colocado em primeiro lugar, e não o ser humano. Portanto, com os conhecimentos da história e ciência, sabe-se que diversos vírus já estiveram presentes no meio social, e com o despreparo e, dentre os outros empecilhos citados, colocam a vida de toda população mundial em risco, ou seja, ainda vivemos em um mundo desinformado e excluyente, com a possibilidade de serem enfrentadas novas epidemias e pandemias mundiais.

Em virtude disso, na conjuntura social vigente, vivemos uma era cibernética com o negacionismo e as *fake news* amplamente difundidas, com efeito de uma população com diversos obstáculos para seguir as notícias verdadeiras, por vez que são alienadas e manipuladas por fontes enganosas, que possuem como objetivo ir ao contrário do caminho democrático, sendo democracia sinônimo do bem estar populacional, visando qualidade de vida e saúde para todos. Em síntese, a insuficiência intelectual também é um grande fator prejudicial, com analogia a esse empecilho citado, por consequência da falta de investimento na educação no país, deixando as pessoas reféns de notícias inverídicas, na qual são facilmente manipuladas. Por certo, para o cidadão brasileiro atingir a condição de plenitude da essência, ele necessita do apoio do Estado com o acesso à educação básica de qualidade, em especial os membros de classes sociais mais desfavorecidas.

Face a isso, no contexto da contemporaneidade, enfrentamos uma gestão política com presença do negacionismo no poder, na qual o ceticismo causa um embate com a ciência e a democracia. Em conformidade, se observa políticos que consideram como mentira as pesquisas, com certa descrença ao conhecimento científico. Cita-se como exemplo o fenômeno da pós-verdade⁴, que se deve ao momento de criar uma opinião pública, os fatos objetivos possuem menos influência que as crenças pessoais. Tal empecilho acarreta nessa manipulação populacional em massa, atado à insuficiência intelectual, que acarreta na estigmatização de pessoas no âmbito social, como é discorrido ao longo do artigo.

Enfim, para que seja possível se encontrar uma realidade diferente da evidenciada, é necessário começar da base, para se ver as mudanças, em que haja uma conexão com a ciência e a sociedade. Acreditar na eficácia das vacinas; pesquisar sobre antes de opinar; se manter em atenção a todas as informações compartilhadas para não reproduzir estereótipos; dar mais atenção aos fatos objetivos do que às crenças pessoais; ter cautela quanto às informações que possuem acesso e for compartilhar, para não reproduzir preconceitos; são ações que podem auxiliar para mudar essa realidade demonstrada. Consoante exposto, a falta de contato com auxiliares do ofício da saúde na sociedade não é eficaz para impedir a contaminação pelo vírus, em que a verdadeira eficácia se encontra na prática do distanciamento social, higienizar as mãos e objetos, bem como a utilização dos equipamentos de proteção individuais, tal qual a máscara e o *face shield*.

6. Notas

*Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).
Email: fredericog1999@gmail.com

**Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).
E-mail: juliagcvander@gmail.com

***Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).
E-mail: mariafernandaaav07@gmail.com

****Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).
E-mail: hsilva.pedrohe@gmail.com

7. Referências

A devastação na saúde mental de profissionais de saúde na pandemia de coronavírus: 'Um viu 8 morrerem no mesmo dia'. **BBC News Brasil**, 21 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55721499>. Acesso em: 31 mai. 2021.

AMÂNCIO, Thiago. **Cresce parcela que não quer se vacinar contra Covid-19, e maioria descarta imunizante da China**. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 dez. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/12/cresce-parcela-que-nao-quer-se-vacinar-contr-a-covid-19-e-maioria-descarta-imunizante-da-china.shtml>. Acesso em: 26 mai. 2021.

⁴ Pós-verdade foi eleita a palavra do ano, no ano de 2016, pelo dicionário "Oxford", devido a realidade de que na atualidade os fatos objetivos são ignorados na argumentação, sendo tempos em que a verdade foi substituída pela opinião pessoal. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/pos-verdade-e-eleita-a-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.ghtml>. Acesso em: 28 nov. 2021.

BRASIL atinge 23,8 milhões de vacinados contra covid, 11,26% da população. **UOL Notícias**, São Paulo, 12 abr. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/realizacao/2021/04/12/vacinacao-covid-19-coronavirus-12-de-abril.htm>. Acesso em: 15 abr. 2021.

BRASIL é um dos países com maior cobertura de vacinação, mostra relatório. **Agência Brasil**, Lisboa, 15 set. 2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-09/brasil-e-um-dos-paises-com-maior-cobertura-de-vacinacao>. Acesso em: 31 mai. 2021.

BRIZOLA, Jaqueline. **Da varíola ao coronavírus**. Exclusão, ignorância e estigma social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) | UFRGS, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/da-variola-ao-coronavirus-exclusao-ignorancia-e-estigma-social>. Acesso em: 26 mai. 2021.

CANSAÇO físico e mental atinge profissionais da saúde em combate à Covid-19 em Porto Alegre. **Correio do Povo**, 23 dez. 2020. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/cansa%C3%A7o-f%C3%ADsico-e-mental-atinge-profissionais-da-sa%C3%BAde-em-combate-%C3%A0-covid-19-em-porto-alegre-1.542575>. Acesso em 18 abr. 2021.

COVID-19: USP aponta que 38% dos profissionais de saúde têm sobrecarga mental na pandemia. **G1**, São Paulo, 15 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2020/06/15/covid-19-usp-aponta-que-38percent-dos-profissionais-de-saude-tem-sobrecarga-mental-na-pandemia.ghtml>. Acesso em: 31 mai. 2021.

CUNHA, Carolina. **Por que 'pós-verdade' foi a palavra do ano e o que ela diz sobre 2016?** UOL Notícias, São Paulo, 31 dez. 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/12/31/por-que-pos-verdade-foi-a-palavra-do-ano-eo-que-ela-diz-sobre-2016.htm>. Acesso em: 11 jun. 2021.

DESIGUALDADE que envergonha: crise da Covid-19 ampliará problemas sociais. **Correio Braziliense**. Brasília, 20 abr. 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/04/20/internas_economia.846332/desigualdade-que-envergonha-crise-da-covid-19-ampliara-problemas-soci.shtml. Acesso em: 15 abr. 2021.

EQUIPES da saúde sob estresse emocional. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, ago. 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/equip-es-da-saude-sob-estresse-emocional/>. Acesso em: 31 mai. 2021.

LEMOS, Vinícius. **'Indignada' com aglomerações: o desabafo de brasileira que perdeu 3 parentes após festa de aniversário há um ano**. BBC News Brasil, 22 mar. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56454008>. Acesso em: 09 jun. 2021.

LEONEL, Filipe. **Pesquisa analisa o impacto da pandemia entre profissionais de saúde**. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 22 mar. 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-analisa-o-impacto-da-pandemia-entre-profissionais-de-saude>. Acesso em: 18 abr. 2021.

MULHERES na linha de frente: profissionais da Saúde enfrentam plantões de até 24h na luta contra a covid-19. **FHEMIG**, Minas Gerais, 08 mar. 2021. Disponível em: <http://www.fhemig.mg.gov.br/sala-de-imprensa/noticias-sala-imprensa/2033-mulheres-na-linha-de-frente-profissionais-da-saude-enfrentam-plantoes-de-ate-24h-na-luta-contra-a-covid-19>. Acesso em: 18 abr. 2021.

“NÃO estou mais preparada para ver tanta gente morrer”: a exaustão nas equipes de saúde na pandemia. **El País**, São Paulo, 04 jan. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-04/nao-estou-mais-preparada-para-ver-tanta-gente-morrer-a-exaustao-nas-equip-es-de-saude-na-pandemia.html>. Acesso em: 18 abr. 2021.

OS custos sociais de uma pandemia. **Jornal da USP**, São Paulo, 16 mar. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=307497>. Acesso em: 15 abr. 2021.

PESADELOS, 250 dias sem folgas, crises de choro: o esgotamento dos profissionais das UTIs para pacientes com covid-10. **GZH SAÚDE**, 05 dez. 2020. Disponível em: <https://gauchazh>.

clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/12/pesadelos-250-dias-sem-folgas-criises-de-choro-o-esgotamento-dos-profissionais-das-utis-para-pacientes-com-covid-19-ckiao5t8u006o017w-iif1d63f.html. Acesso em: 18 abr. 2021.

PEUKER, Ana Carolina. MODESTO, João Gabriel. **Estigmatização de profissionais de saúde**. Grupo de trabalho de enfrentamento da Pandemia. SBP COVID-19, Ribeirão Preto, São Paulo, v.1, p.4, 2020. Disponível em: <https://www.sbponline.org.br/2020/03/grupo-de-trabalho-gt-de-enfrentamento-da-pandemia-sbp-covid-19>. Acesso em: 19 abr. 2021.

PROFISSIONAIS da linha de frente do combate à covid-19 recebem mensagens de apoio e gratidão. **Faculdade de Medicina - UFMG**, Minas Gerais, 06 abr. 2021. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/profissionais-da-linha-de-frente-do-combate-a-covid-19-recebem-mensagens-de-apoio-e-gratidao/>. Acesso em: 18 abr. 2021.

SOBRE a doença. **Ministério da Saúde**. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 15 abr. 2021.